

Trans-humanismo, biopolítica e reconfigurações contemporâneas das relações de poder

Transhumanism, biopolitics and contemporary reconfigurations of power relations

Resumo

O artigo propõe uma leitura crítica do discurso trans-humanista, ancorada na noção de biopolítica proposta por Michel Foucault. Considerando que o aspecto predominante em diferentes segmentos do trans-humanismo é o aprimoramento humano, podemos afirmar que as elaborações desse conjunto discursivo se fundamentam em uma definição biológica do homem e na defesa de sua transformação – através da genética, da biomedicina e de novas tecnologias – de forma tão significativa em sua extensão e alcance que levaria ao desaparecimento do ser humano como o conhecemos. Essa trama discursiva também mobiliza um sistema biomédico, fomentando por grandes corporações, pelo qual os indivíduos são incentivados a projetar e a aprimorar seus corpos em busca de um ideal produtivo. É a partir desses elementos que investigamos se estaria emergindo uma nova forma de biopolítica, centrada no corpo individual e em consonância com reconfigurações contemporâneas das relações de poder.

Palavras-chave: trans-humanismo; biopolítica; poder; ontologia do presente; Michel Foucault

* Universidade de São Paulo (USP). Contato: fernanda.gdasil@gmail.com

Recebido em: 26/05/2024 Aceito em: 04/07/2024

Abstract

The article proposes a critical reading of the transhumanist discourse, anchored in the notion of biopolitics proposed by Michel Foucault. Considering that the predominant aspect in different segments of transhumanism is human enhancement, we can affirm that the elaborations of this discursive set are based on a biological definition of man and the defense of his transformation – through genetics, biomedicine and new technologies – in such a significant way in its extension and scope that it would lead to the disappearance of human beings as we know them. This discursive plot also mobilizes a biomedical system, promoted by large corporations, in which individuals are encouraged to design and improve their bodies in search of a productive ideal. Starting from these elements we investigate a new form of biopolitics that would be emerging, centered on the individual body and in line with contemporary reconfigurations of power relations.

Keywords: transhumanism; biopolitics, power, ontology of the present; Michel Foucault

Introdução

O discurso trans-humanista se desdobra em um campo bastante complexo. Embora frequentemente ouçamos falar em trans-humanismo no singular, em uma rápida aproximação podemos perceber que não se trata de um discurso unitário. Da origem do termo – atribuída a Julian Huxley, biólogo e irmão do escritor Aldous Huxley, que, em 1957, usa essa palavra para defender que o homem está apenas em seu estágio inicial de evolução, e que deve se aperfeiçoar pelo uso de tecnologias – aos dias atuais, o trans-humanismo se desenvolveu em muitas direções. Dentre o que se convencionou chamar de trans-humanismo, há correntes muito distintas, tais como o abolicionismo, o extropianismo, o trans-humanismo libertário, entre outras. A exploração dessas correntes constitui um passo fundamental para evitar uma leitura totalizante do trans-humanismo, mas não é o nosso intuito com este artigo.¹

1 Fizemos esse percurso em outro trabalho, intitulado *Transhumanismo: origens, caminhos, implicações*, ainda em fase de finalização.

A investigação que buscamos operar aqui concentra-se na ideia de aprimoramento humano, que atravessa, de forma significativa, muitas dessas correntes e orienta diferentes práticas que envolvem o uso de tecnologias para superar os limites do corpo humano, seja para modificar características ou aumentar sua capacidade e o seu desempenho². Nick Bostrom, um dos precursores do movimento trans-humanista e porta-voz de seu discurso, defende esse aprimoramento nos seguintes termos:

*é possível e desejável melhorar fundamentalmente a condição humana através do uso da razão, nomeadamente desenvolvendo e divulgando amplamente técnicas destinadas a eliminar o envelhecimento e a melhorar significativamente as capacidades intelectuais, físicas e psicológicas do ser humano*³.

Os ideais de aprimoramento humano, propagados pelo discurso trans-humanista, também são apoiados por grandes corporações, como a *Google* através de empresas como a *3andMe*, que oferece análise personalizada do código genético ou a *Calico*, que pesquisa formas de combate aos processos de envelhecimento, ambas financiadas pela *Google Ventures*. Esse agenciamento entre elaboração conceitual, pesquisa empírica e prestação de serviços tem como efeito a promoção de uma cultura do desempenho, que tem transformado, de modo significativo, a atuação da medicina tradicional. Hottois, Missa e Perbal qualificam essa transformação como a principal característica da biomedicina do século XXI, quando novos medicamentos e tecnologias terapêuticas deixam de cumprir apenas a função de tratar o paciente e se voltam, também, para a melhoria de certas capacidades humanas⁴.

A inclinação para pensar o homem, predominantemente a partir de seus aspectos biológicos – e a multiplicidade de atores e segmentos envolvidos em sua elaboração, execução e propagação – nos estimulou a pensar uma articulação entre discurso trans-humanista e biopolítica. Desse modo, buscamos identificar ressonâncias e desdobramentos a partir dessa chave de leitura, na esteira das reflexões encampadas por outros autores contemporâneos, com os quais dialogamos ao longo do texto.

2 Frippiat, L. “Transhumanisme”, in *Encyclopédie du post/transhumanisme*. Gilbert Hottois, Jean-Noël Missa e Laurence Perbal (Org). Paris: Vrin, 2015, p. 167.

3 Bostrom, N, 2003. *The Transhumanism FAQ, A General Introduction*, Version 2.1. Disponível em: <http://www.nickbostrom.com/views/transhumanist.pdf> Acesso em: 01 de março de 2024.

4 Hottois G, Missa J, Perbal, 2015 (Org), *Encyclopédie du trans/posthumanisme. L'humain et ses préfixes*, Paris:Vrin, 2015, p. 7.

Antes, porém, de iniciarmos a nossa análise, é preciso apresentar brevemente a noção de biopolítica e fazer uma observação sobre o uso desse recurso metodológico-conceitual. Começamos, então, pela apresentação: Foucault identifica no século XIX uma espécie de tomada de poder sobre o homem como ser vivo, uma estatização do biológico que leva a um posicionamento diante da vida e da morte. Ele observa, nesse novo posicionamento, uma mudança expressiva nas relações de poder. Na soberania, o direito era vinculado à possibilidade de “fazer morrer” ou “deixar viver”. O direito de matar do soberano era, assim, constitutivo da soberania. Já a partir do século XIX, instala-se um novo direito, ligado, inversamente, ao “fazer viver” e ao “deixar morrer”. O autor situa essa transformação nos níveis dos mecanismos, das técnicas e das tecnologias de poder. Nos séculos XVII e XVIII surgiram técnicas centradas no corpo individual, visíveis na distribuição espacial desses corpos: separação, alinhamento, colocação em série, vigilância; organizando-os a partir de um campo de visibilidade.

Desse modo, é o trabalho sobre esses corpos que passa a ocupar o poder, tendo em vista aumentar sua força útil, a partir de exercícios e treinamentos, mas também de técnicas de racionalização e economia. Trata-se de estratégias para que o poder possa ser exercido de maneira menos onerosa: sistemas de vigilância, hierarquia, inspeções, escriturações. Produz-se, assim, uma tecnologia disciplinar do trabalho. A partir da segunda metade do século XVIII, contudo, surge algo novo. Uma outra tecnologia – que não exclui a primeira e que se torna efetiva a partir dela, localizando-se, no entanto, em outro nível, em outra escala. Trata-se da biopolítica. Agora, objetiva-se intervir sobre a vida dos homens, não sobre o homem-corpo, mas sobre o homem vivo, no limite, o homem-espécie. Não se trata apenas, assim, de intervir sobre os homens a partir de seu desempenho individual, mas como uma massa global, na medida em que assim se conformam, afetando-se por processos próprios da vida (nascimento, morte, doença). É a passagem de um processo individualizante para outro massificante, de uma anátomo-política do corpo humano para uma biopolítica da espécie humana⁵.

Situado o contexto de elaboração do conceito, é imperativo observar que não seria o caso de aplicá-lo diretamente para pensar a atualidade. Invocamos a biopolítica como um recurso analítico por entendermos que há no trans-humanismo uma inflexão radical em torno do corpo e da saúde que pode

5 Cf. Foucault, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 285-315

ser lida nesta chave. A investigação, contudo, procura justamente encontrar as especificidades que caracterizariam uma biopolítica no nosso tempo, em consonância com reconfigurações contemporâneas das relações de poder.

Trans-humanismo e biopolítica: ressonâncias, desdobramentos, atualizações

Em *The Politics of life itself*, Nikolas Rose nos propõe a descrição de uma biopolítica atual que “está preocupada com nossas crescentes capacidades de controlar, projetar, remodelar e moderar as capacidades vitais dos seres humanos como criaturas vivas”, e que se trata de uma “política da vida em si”⁶. Segundo a sua argumentação, cinco grandes mudanças caracterizam esse novo momento biopolítico: a molecularização, a otimização, a subjetivação, a expertise somática e as economias de vitalidade. Na intersecção destas cinco linhas emerge uma “nova forma de vida”⁷ que permanece indeterminada.

Outro texto escrito por Nikolas Rose, em parceria com Paul Rabinow, busca, por sua vez, redefinir cuidadosamente a biopolítica em termos mais adequados ao momento atual e às especificidades que marcam a sua concepção de saúde. Essa abordagem nos parece proveitosa, na medida em que não se propõe a pensar o biopoder como um sistema ou um princípio de governo. A ênfase se encontra justamente em identificar adaptações empíricas e intervenções localizadas. Em consonância com esse esforço de pensar a biopolítica a partir de parâmetros do presente, identificamos no trans-humanismo um campo privilegiado, precisamente pelo seu foco na delegação ao indivíduo dos meios para controlar a sua saúde e a sua vida.

Para os dois autores de língua inglesa, as análises do biopoder propostas por Giorgio Agamben e Antonio Negri – que modelam as suas características em torno do poder soberano, fornecem uma visão monolítica do conceito, que também produz prejuízos políticos: “a interpretação da biopolítica contemporânea como a política de um Estado modelado na figura do soberano, e de todas as formas de autoridade biopolítica como agentes do soberano, é bem adequada aos totalitarismos do século XX.”⁸.

6 Rose, N. *The Politics of life itself. Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century*, Princeton University Press, 2007, p. 3.

7 *Idem*.

8 Rose, N e Rabinow, P. *O conceito de biopolítica hoje*. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6600>>. Acesso em: 30 de abril de 2024.

Em contrapartida, Nikolas Rose e Paul Rabinow identificam no conceito de governamentalidade, desenvolvido pelo próprio Foucault, um recurso para evitar essa visão unívoca e inadequada e apreender a complexidade das formas de biopoder contemporâneo. Eles enfatizam que o seu “princípio foi captar o nascimento e as características de uma grande variedade de formas de problematizar e agir sobre as condutas individuais e coletivas em nome de determinados objetivos dos quais o Estado não é a origem nem o ponto de referência”⁹. A noção de governamentalidade nos permite colocar em perspectiva a ideia de um biopoder resolutamente maléfico, o único que regula o comportamento individual e coletivo, ao enfatizar a multiplicidade dos sistemas de poder, as suas modalidades e os seus objetivos. Parece-nos, a este respeito, que o produzir, afastando-o de uma concepção soberana de biopoder, também é um passo fundamental para analisar as formas e características da biopolítica empreendidas pelo trans-humanismo.

A argumentação do texto segue com a defesa de que o fim da Segunda Guerra Mundial foi marcado pelo aparecimento de novos atores, nomeadamente com a criação de comissões de bioética, novos órgãos reguladores e novos perfis de pacientes “que definem cada vez mais a cidadania em termos de direitos (e deveres) para com a vida, a saúde e o cuidado”¹⁰. Apesar de uma tendência específica do estado social do século XX para a implementação de grandes políticas de gestão populacional, de imigração, de previsão médica, que não desapareceram e parte das quais foram relegadas ao nível supranacional, estamos de fato assistindo ao desenvolvimento de novas formas de individualização, “associadas aos direitos à vida, à liberdade e à busca de uma forma de felicidade cada vez mais compreendida em termos corporais e vitais”¹¹.

Rose e Rabinow apontam ainda que, com isso, “formaram-se novos circuitos de bioeconomia, bem como uma capitalização em larga escala das ciências biológicas”, elas próprias portadoras de novos conhecimentos em torno da saúde e, portanto, de novos padrões. Contrariamente à ideia de um biopoder soberano centrado na morte, mesmo simbólica, eles destacam, portanto, a emergência de uma biopolítica com múltiplas formas e atores, na qual a vida se tornou o objeto principal e que tende a redefinir o conhecimento

9 *Ibid.* p.4.

10 *Ibid.* p.9.

11 *Ibid.* p.10.

tradicional em torno da saúde. Esse fenômeno, com base principal na economia de mercado, é nomeado pelos autores como “biocapitalismo”¹². Retomando as principais categorias elaboradas por Foucault, eles destacam, então, os três eixos principais que caracterizam o biopoder contemporâneo, a saber:

*uma forma de discurso da verdade sobre os seres vivos e um conjunto de autoridades consideradas competentes para dizer essa verdade; estratégias de intervenção na existência coletiva em nome da vida e da saúde; modos de subjetivação em que os indivíduos podem ser levados a trabalhar sobre si mesmos, sob certas formas de autoridade, em relação aos discursos de verdade, por meio de técnicas de si, em nome da vida individual ou da saúde coletiva*¹³.

Estas três modalidades de biopoder permitem-nos uma aproximação mais precisa entre trans-humanismo e biopolítica, uma vez que o movimento trans-humanista propõe um discurso de verdade sobre a saúde, proferido por cientistas como Nick Bostrom, mas também por figuras controversas como Ray Kurzweil, que se autointitula futurólogo, e por empresários como Dmitry Itskov, cada um deles considerando-se legítimo ao afirmar sentenças de natureza moral e, em muitos casos, quase religiosa. Este conjunto múltiplo de agentes envolvidos na elaboração e na propagação do discurso trans-humanista aproxima-se daquilo que Nikolas Rose descreve como “poder pastoral” – também em uma apropriação conceitual de Foucault – dentro do qual todos os tipos de autoproclamados especialistas proferem opiniões sobre genética e biologia, gravitando em torno de empresas farmacêuticas, comitês de ética, comissões de bioética e uma série de acionistas.

Essa complexidade de atores e instituições envolvidos informa as especificidades da biopolítica no cenário contemporâneo, que se desdobram nos campos da medicina preventiva e da indústria da biotecnologia. Pensar o trans-humanismo como biopolítica também exige dar um lugar importante às indústrias digitais em vários projetos encampados pelo movimento. Entre as empresas que lideram o campo hoje denominado de GAFA (acrônimo

12 Rose, N, op.cit., p. 8.

13 Rose, N., Rabinow, P. *O conceito de biopolítica hoje*. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6600>>. Acesso em: 30 de abril de 2024.

utilizado no direito econômico internacional para designar *Google, Amazon, Facebook, Apple*), a *Google* é a que mais investe naquilo que podemos considerar como os novos mercados biopolíticos¹⁴.

Estas diferentes empresas, intrinsecamente ligadas a ideais trans-humanistas, têm como principal objetivo a intervenção na saúde individual e são, em sua maioria, plataformas colaborativas online, baseadas numa coleta massiva de dados pessoais de pacientes. Este tipo de sistema possui uma ligação estreita com o surgimento de novas formas de saúde excessivamente individualizadas, baseadas na prevenção, ou no que Nikolas Rose chama de “susceptibilidade”¹⁵. A respeito de um estudo realizado em 2003 sobre a *Celera Diagnostics*, ligada à *Celera Genomics*, uma empresa especializada em sequenciamento de genoma, Rose e Rabinow destacam que:

*O seu objetivo é produzir testes de diagnóstico que possam ser amplamente utilizados em laboratórios de referência numa base rotineira para permitir diagnósticos pré-sintomáticos e intervenções preventivas numa escala inimaginável nos próximos cinco anos*¹⁶.

Essas práticas contribuíram para o surgimento de conhecimentos médicos que giram agora em torno da probabilidade, ou seja, do cálculo das probabilidades de contrair determinados sintomas e doenças. Como indica o site da *Celera*, trata-se de poder “personalizar a gestão da saúde”¹⁷ para cada pessoa. A saúde é, portanto, objeto de uma gestão que gira em torno de previsões estatísticas dos riscos biológicos que cada organismo acarreta.

14 Identificamos inicialmente, uma série de empresas financiadas pelo *Google Ventures*, o fundo de investimento do *Google*. Entre elas: a *Iperian*: uma empresa especializada na pesquisa de tratamentos contra o Alzheimer; a *Flatiron*: que se concentra em formas de combate ao câncer; a *DNAnexus*: dedicada ao sequenciamento do genoma; a *Rani*: que desenvolve as chamadas pilulas inteligentes; a *23andMe*: que oferece análise personalizada do código genético; a *Calico*: que pesquisa formas de combate ao processo de envelhecimento, entre outras.

15 Rose, N, op.cit., p. 18.

16 Rose, N, Rabinow, P. *O conceito de biopolítica hoje*. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6600>. Acesso em: 30 de abril de 2024.

17 Site de *Celera*, <https://www.celera.com/celera/pdm>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

Uma empresa como a *Celera Genomics*¹⁸ se encaixa perfeitamente do que Adele Clarke chama de biomedicalização. Em sua análise da biomedicina, acompanhando de perto as mutações da biopolítica, ela distingue cinco transformações cruciais que levaram da “medicalização” tradicional à biomedicalização:

1) a reconstituição política e econômica do vasto setor da biomedicina; 2) a ênfase colocada na própria saúde e no desenvolvimento de biomedicamentos de riscos e de vigilância; 3) a natureza cada vez mais tecnológica e científica da biomedicina; 4) as transformações na forma como o conhecimento biomédico é produzido, distribuído e consumido e na gestão da informação médica; 5) as transformações dos corpos para que tenham novas propriedades e a produção de novas identidades tecnocientíficas individuais e coletivas¹⁹.

Ainda, segundo Clarke, através desta noção de biomedicalização, a ênfase é colocada nas “transformações tanto do humano como do não-humano, tornadas possíveis por inovações tecnocientíficas como a biologia molecular, a biotecnologia, a genômica, a medicina de transplantes e novas tecnologias médicas”²⁰. As inovações tecnológicas e sua administração deixaram de ser de simples responsabilidade do médico, cujo papel perde cada vez mais força, e tendem a ser estabelecidas como “tecnologias de si”²¹. A biomedicina é aqui entendida como “uma lente poderosa através da qual interpretamos, entendemos e buscamos culturalmente transformar os corpos e as vidas”²². Clarke destaca também o vínculo entre o desenvolvimento de tecnologias biomédicas avançadas e emergência de maior responsabilização dos pacientes pelo tratamento:

*A própria saúde e a gestão adequada das doenças crônicas tornam-se responsabilidades morais individuais a serem alcançadas através de um melhor acesso ao conhecimento, à autovigilância, à prevenção, à avaliação dos riscos e do tratamento dos riscos e do consumo de bens e serviços biomédicos adequados para o desenvolvimento pessoal*²³.

18 Existem muitas outras empresas especializadas na área da genética, entre as mais conhecidas estão as já mencionadas 23andme e DNAnexus e outras como a BioViva, a Human Longevity e a Illumina.

19 Clarke, A. *Biomedicalization: Technoscientific Transformations of Health, Illness, and U.S. Biomedicine*, *American Sociological Review*, Vol. 68, No. 2 (Apr., 2003), p 161.

20 *Idem*.

21 *Ibid.*, p. 165.

22 *Ibid.*, p. 164.

23 *Ibid.*, p. 162.

Como é possível observar, a tênue sobreposição entre estes novos dispositivos, as novas práticas que eles introduzem, e seu vínculo cada vez mais forte com a economia de mercado e os valores liberais tornam bastante complexa a análise do trans-humanismo como biopolítica. No âmbito desta biomedicalização, a ênfase é colocada na responsabilidade pessoal, face às escolhas médicas, e estimula-se que cada paciente construa os seus próprios padrões, através de ideais como “autonomia” e “responsabilidade”²⁴. Nikolas Rose chama a atenção para a responsabilização dos indivíduos nesse processo: “nas democracias liberais avançadas, onde os indivíduos são levados a pensar que moldam ativamente o curso de suas vidas através de atos de escolha em nome de um futuro melhor, a “biologia” não será facilmente aceite como destino”²⁵

As plataformas colaborativas de saúde, como o próprio nome sugere, também enfatizam a partilha de conhecimento e aconselhamento entre os seus diferentes clientes:

*Para que os cientistas e investigadores acelerem os cuidados de saúde, precisam de grandes quantidades de dados... de todos nós. A sua participação em pesquisas pode contribuir para descobertas em prevenção de doenças, melhores terapias medicinais, tratamentos de doenças e, em última análise, vias de tratamento genético*²⁶.

Embora baseado em métodos e objetivos intrinsecamente individualistas, o discurso destas empresas evoca certa ajuda mútua em nome do conhecimento e da saúde da humanidade. A retórica tecida por estes atores se articula ao discurso trans-humanista, particularmente na ênfase colocada no controle do destino biológico, como podemos observar nesta declaração de Liz Parrish, líder da *BioViva*²⁷, para a Revista H+, mantida pela Humanity+²⁸:

Não podemos continuar a tratar os sintomas do envelhecimento como o câncer, o Alzheimer e as doenças cardíacas na esperança de resolvê-los de

24 Rose, N. *op.cit.*, p. 4.

25 *Ibid.*, p. 26

26 Site da 23andme, <https://www.23andme.com/research/>.

27 Bioviva é uma startup focada no tratamento de doenças através de terapia genética.

28 Humanity+ é a antiga Associação Trans-humanista Mundial, organização internacional fundada por Nick Bostrom e David Pearce.

*forma independente, são todos sintomas do envelhecimento celular (...) já é tempo de nos voltarmos para a essência da causa destas doenças e abordar o problema real, o envelhecimento celular*²⁹.

Numa visão muito semelhante, um centro de investigação como o SENS, liderado pelo gerontólogo Aubrey de Grey, pretende “ajudar a construir uma indústria que irá curar as doenças da velhice”³⁰. A *Human Longevity*, liderada pelo biólogo Craig Venter, que sequenciou o primeiro genoma com sua equipe na *Celera*, persegue os mesmos objetivos: “A *Human Longevity* mudará a forma como a medicina é praticada, promovendo a mudança para um modelo médico de prevenção, baseado na genômica”³¹. Estas empresas carregam, portanto, uma visão de saúde trans-humanista, cujo objetivo é “revolucionar a saúde humana”³². Ainda segundo informações do site da empresa, a *Human Longevity* levantou 70 milhões de dólares na primeira rodada de arrecadação de fundos e define os seus investidores como “um grupo de indivíduos e empresas diversos que partilham o propósito comum e a paixão de mudar a saúde, combatendo as doenças do envelhecimento e prolongando a esperança de vida humana saudável”³³.

Os números exorbitantes que estas empresas arrecadam e o perfil diversificado de seus doadores atestam o crescimento de um mercado com grande potencial de mobilização. Esta elevada concentração de capital é, de fato, uma das características da biopolítica em que o trans-humanismo está inserido. Uma biopolítica de mercado, implementada principalmente através destas empresas biotecnológicas e financiada por grandes corporações. A concentração de capital em empresas que alavancam os avanços biotecnológicos é também uma das principais críticas dirigidas ao trans-humanismo. Para Bernard Stiegler, estaríamos perante a ascensão de uma “oligarquia”³⁴ que sonha, graças aos seus meios financeiros e tecnológicos, com um futuro ao qual os

29 *Bioviva-Gene therapy to treat aging and beyond*. Disponível em <http://hplusmagazine.com/2015/05/06/bioviva-gene-therapy-to-treat-aging-and-beyond/>. Acesso em: 08 de maio de 2024.

30 Site da SENS: <http://www.sens.org/about/about-the-foundation>

31 Site *Human Longevity*, <http://www.humanlongevity.com/about/>

32 *Idem*.

33 *Idem*.

34 Entrevista de Bernard Stiegler, disponível em <http://creative.arte.tv/fr/bits-trans-human>. Acesso em: 10 de maio de 2024

mortais comuns não terão mais acesso. Este argumento, que aponta para o risco do advento de uma sociedade governada pelos principais financiadores do trans-humanismo, é também retomado por Laurent Alexandre, que questiona o “tecnopoder” em expansão³⁵.

Em entrevista realizada pela *Philosophie Magazine*, Daniel Kraft, físico e membro da *Singularity University*³⁶, argumenta em outra direção:

Este é o futuro da medicina... Hoje somos capazes de recolher muita informação sobre um paciente: podemos saber o seu peso, pressão arterial e composição, podemos analisar o seu código genético – uma empresa como a 23andMe oferece-o por 99 dólares. Além disso, um scanner completo produz 2.400 imagens transversais do corpo do paciente, o que representa 20 gigabytes de dados. Essa quantidade de informações continua aumentando. No entanto, nenhum médico é hoje capaz de analisar ou cruzar todos estes dados: será, portanto, necessário que os aplicativos o façam. Ao monitorar a evolução das variáveis, esses aplicativos terão papel preponderante no tratamento preventivo de doenças e auxiliarão no diagnóstico³⁷.

Encontramos nesta descrição os mesmos termos usados por muitos dos trans-humanistas para descrever o progresso e as perspectivas trazidas pelas tecnologias médicas. Através destes novos processos, o paciente torna-se um estoque de “informações” que é possível “conhecer” e “analisar” objetivamente. Isso define um pouco melhor as modalidades da medicina “preventiva” em que os números contam a verdade sobre os corpos dos indivíduos e fornecem uma leitura do futuro.

Daniel Kraft nomeia esses procedimentos como saúde digital (já que passam por plataformas virtuais com cálculos extremamente sofisticados), individualizada, preventiva, que se opõe fundamentalmente ao modelo de uma medicina tradicional em que a figura do médico era essencial e constituía o intermediário no fornecimento dos padrões de saúde. O fato de avançarmos inevitavelmente para a chamada medicina 4P: “Preditiva,

35 Alexandre, L. *La Mort de la mort*, Paris: Editions Jean-Claude Lattès, 2011, p.105.

36 *Singularity University* é uma universidade patrocinada pela Google.

37 Lacroix, A. *Enquête dans la Silicon Valley*. Sauvegardez votre vie (pour l'éternité!), Philosophie magazine, Dossier Liberté. Inégalité. Immortalité.

Preventiva, Personalizada e Participativa”, uma medicina fundamentalmente “transversal”³⁸, seria, portanto, apenas mais um passo em direção à “eficácia” trans-humanista.

Emerge, portanto, um dispositivo biopolítico em que a gestão personalizada da saúde é delegada ao indivíduo, a partir de métodos de análise considerados neutros, uma vez que se baseiam em cálculos objetivos. Citando Georges Canguilhem, Nikolas Rose aponta para esta nova definição de biologia a qual teria que:

*Abandonar o vocabulário da mecânica clássica, física e química... em favor de um vocabulário de linguística e teoria da comunicação. Mensagens, informações, programas, códigos, instruções, decodificação: aqui estão os novos conceitos das ciências da vida... e já não se assemelha à arquitetura ou à mecânica... Mas se assemelha muito à gramática, à semântica e à teoria da sintaxe. Se quisermos compreender a vida, a sua mensagem deve ser decodificada antes de poder ser lida.*³⁹.

É precisamente nesse ponto que reside o problema. Estes novos métodos pretendem expressar a verdade do indivíduo com total objetividade, para que este possa sentir-se resolutamente em plena posse do seu corpo e dos meios para agir sobre a sua saúde, na ilusão de uma subversão das normas que a suposta autonomia na era da “governamentalidade algorítmica” poderia proporcionar.

Antoinette Rouvroy e Thomas Berns alertam que a supremacia dos números e das estatísticas aplicados à medicina não só colocaria em perigo o livre arbítrio do paciente, mas também significaria o fim dos verdadeiros avanços científicos. Eles apontam um profundo conflito entre esta ideia de medicina propagada pelo discurso trans-humanista como um novo meio de autonomia individual, e um sistema que, na realidade, elimina qualquer diálogo sobre os dados que gere – diálogo que só pode ocorrer na medida em que existam intermediários como o médico – e que, ao atribuir um valor absoluto aos números considerados como fatos puros, afasta a ideia de uma abordagem científica mais personalizada.

O diagnóstico de Deleuze no seu *pós-escrito sobre as sociedades de controle*, que ele vincula a uma mutação do capitalismo, assume aqui uma ressonância particular:

38 Alexandre, L, op. cit, p. 173.

39 Canguilhem, G. citado por Rose, op.cit, p. 44.

*No regime dos hospitais: a nova medicina “sem médico nem doente”, que resgata doentes potenciais e sujeitos a risco, o que de modo algum demonstra um progresso em direção à individuação (...) mas substitui o corpo individual ou numérico pela cifra de uma matéria “dividual” a ser controlada*⁴⁰.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, a coleta e a utilização de dados massivos sobre indivíduos, reduzidos a matéria “dividual”, a noção de governamentalidade tal como Foucault estabeleceu, intimamente ligada ao biopoder, assume por sua vez outras nuances. No que nomeou como “governamentalidade algorítmica”, Antoinette Rouvroy e Thomas Berns destacam a mutação de uma governamentalidade que antes envolvia o estabelecimento de normas capazes de constringer simbolicamente o comportamento dos indivíduos, e que agora deve a sua eficácia à antecipação dos comportamentos individuais, por mais imprevisível que seja, através da coleta de dados substanciais sobre eles (big data)⁴¹.

E importante lembrar que a governamentalidade, no sentido aqui utilizado pelos autores, e como Antoinette Rouvroy a refere também em outro trabalho⁴², inclui, tal como acontece com Foucault, as instituições, os procedimentos e as análises que permitem a aplicação de um poder específico sobre uma população, sustentado por conhecimento político-econômico cujo principal instrumento técnico é o aparato de segurança. Esta passagem do constringimento à antecipação, que mudaria a própria natureza da norma, levanta a questão de saber que tipo de autonomia seria possível num sistema como esse.

A “governamentalidade algorítmica” parece-nos ser, portanto, uma noção relevante para a análise das formas que assume a biopolítica trans-humanista. Como apontam Antoinette Rouvroy e Thomas Berns, os “usos algorítmicos da estatística” tornam-se “o espelho das normatividades mais imanentes da sociedade, antecedentes a qualquer medição ou qualquer relação com a norma, com qualquer convenção, com qualquer avaliação” e contribuiriam para “(re) produzir e multiplicar esta normatividade imanente”⁴³.

40 Deleuze, G. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 225.

41 Rouvroy, A. Berns, T. *Gouvernementalité algorithmique et perspectives d'émancipation*, Réseaux 1/2013 (n° 177), p. 163-196.

42 Rouvroy, A. *Governmentality in an age of autonomic computing : technology, virtuality and utopia*, p. 5.

43 *Ibid.*, pp. 165-166.

Através da ideia de norma imanente, podemos questionar, de forma mais geral, a própria natureza do agir em sociedade. As nossas sociedades digitais baseadas na coleta de dados dariam a impressão de sermos os criadores dos nossos próprios padrões, promovendo um sentimento de liberdade de ação sem precedentes. No entanto, é este mesmo sentimento de liberdade que sinaliza os riscos de tal imanência de normas. Em diversas práticas ligadas ao trans-humanismo, que permitem o acesso ao genoma ou desenvolvem, por exemplo, pílulas inteligentes contra a diabetes, é criada a ilusão de sermos os atores da nossa própria saúde.

Esse incentivo à projeção e ao aprimoramento dos corpos atende, no entanto, um ideal produtivo. Que corpos sejam objeto de mobilização e captura por interesses de mercado, certamente, não é novidade. Através da noção de biopoder, Michel Foucault já havia sinalizado para o fato de a gestão e o controle dos parâmetros biológicos dos seres humanos constituírem um elemento central no advento do capitalismo industrial⁴⁴. Através da formação e da disciplina dos corpos o capitalismo industrial foi capaz de submeter plenamente os trabalhadores aos imperativos produtivos modernos. No entanto, enquanto o biopoder “clássico” entendia os corpos e as subjetividades como restrições a serem disciplinadas, o biopoder, na sua forma atual, tende a concebê-los como entes que precisam ser aprimorados para melhorar seu desempenho em termos produtivos.

Agora, a própria vida, em nível individual e molecular, é afetada pelos sistemas de controle. Esta “política da própria vida”, como descrita por Nikolas Rose, pretende agir diretamente sobre as normatividades biológicas em nível molecular: “É no nível molecular que a vida humana é compreendida, que no nível molecular seus processos podem ser anatomizados, e no nível molecular que a vida pode ser projetada.”⁴⁵. As práticas ligadas ao aprimoramento humano são exemplares dessa nova forma de biopoder, que se abre a formas renovadas de exploração dos corpos e da vida, em consonância com reconfigurações contemporâneas das relações de poder.

É, portanto, a junção destes processos, em crescente aceleração, que articula trans-humanismo e biopolítica e, a longo prazo, também coloca uma série de problemas para os processos de subjetivação⁴⁶. O devir e os processos

44 Foucault, M. *Histoire de la sexualité*, vol. 1: La Volonté de savoir, Paris, Gallimard, 1976.

45 ROSEN, op. cit., p. 4.

46 Rouvroy, A. op.cit., p. 167.

de individuação exigem uma heterogeneidade de ordens de grandeza, uma multiplicidade de regimes de existência, que a governamentalidade algorítmica sufoca ao fechar a realidade (digitalizada) sobre ela mesma⁴⁷.

Os discursos e práticas trans-humanistas enfrentam a contradição de se basear em mecanismos dentro dos quais a subjetivação é restringida, embora defenda uma extensão dos planos de existência. A “multiplicidade de regimes de existência” constitui um dos principais horizontes do pensamento trans-humanista segundo o qual o aperfeiçoamento do homem o conduz necessariamente a modos de experiência antes inimagináveis, a identidades escolhidas e potencialmente múltiplas, mas essa mesma multiplicidade passaria, potencialmente, por um sistema que submete o real ao virtual. Por fim, há no discurso trans-humanista, tanto o reflexo de certas inflexões tomadas pela biopolítica – com práticas e sistemas em mutação –, como também a defesa de uma biopolítica radicalmente diferente, em suas potenciais implicações.

Considerações finais

Através da análise do discurso trans-humanista, pudemos constatar que as elaborações desse conjunto discursivo se vinculam às mudanças de valores que ocorrem em torno do corpo e da vida e constituem forma de biopolítica em mutação. Ao apresenta-se como portador de novos padrões, através da ideia de aprimoramento, o trans-humanismo está intrinsecamente ligado aos desenvolvimentos recentes da biopolítica e, em certa medida, estabelece uma nova forma de biopoder, baseada na capitalização da força vital através do uso de biotecnologias.

Esse projeto é implementado por um conjunto de empresas de biotecnologia, baseadas no processamento massivo de dados pessoais que produzem uma nova gestão da saúde, preventiva e individualizada. É difícil determinar a natureza precisa desse mecanismo, uma vez que ele está ligado aos desenvolvimentos recentes da própria biopolítica, mas nos parece que as manifestações desta biopolítica presente no discurso trans-humanista, produzem não só uma nova forma de gestão dos corpos e da saúde, como modificam profundamente as relações humanas com o trabalho e afetam, de forma determinante, a produção de subjetividades.

47 *Ibid.*, p. 168.

Em acordo com as análises de Nikolas Rose e Paul Rabinow, entendemos que “se estamos num momento emergente da vida política, a celebração e a denúncia são insuficientes como abordagens analíticas⁴⁸.” É por essa razão, que após delimitar os riscos da radicalização biopolítica que o trans-humanismo propõe, identificamos a necessidade de examinar as suas eventuais potencialidades. Se há uma forma de biopolítica inerente ao discurso trans-humanista é preciso também considerar aberturas possíveis para pensar modos de resistência. Seria ainda preciso interrogar se as novas tecnologias podem suscitar novas formas de subjetividade, a partir de novos usos da liberdade, e quais as experimentações subjetivas e agenciamentos coletivos possíveis de serem instaurados nesse campo de batalha.

Referências

Livros e artigos:

ALEXANDRE Laurent, *La Mort de la mort*. Paris: Editions Jean-Claude Lattès, 2011.

CLARKE, Adele. *Biomedicalization: Technoscientific Transformations of Health, Illness, and U.S. Biomedicine*, *American Sociological Review*, Vol. 68, No. 2 (Apr., 2003).

DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

FOUCAULT. Michel. *Histoire de la sexualité*, vol. 1: *La Volonté de savoir*, Paris, Gallimard, 1976.

FOUCAULT. Michel. *Naissance de la biopolitique. Cours au Collège de France*. 1978-1979, Paris, Gallimard, 2004.

FOUCAULT. Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

48 Rose, N, Rabinow, P. *O conceito de biopolítica hoje*. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6600>

HOTTOIS, G. MISSA, J. PERBAL, L. 2015 (Org), *Encyclopédie du trans/posthumanisme. L'humain et ses préfixes*, Paris:Vrin, 2015.

LACROIX, A. *Enquête dans la Silicon Valley*. Sauvegardez votre vie (pour l'éternité!), Philosophie magazine, Dossier Liberté. Inégalité. Immortalité.

ROSE, N. *The Politics of life itself. Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century*, Princeton University Press, 2007.

ROUVROY, A. BERNIS, T. *Gouvernementalité algorithmique et perspectives d'émancipation*, Réseaux 1/2013 (n° 177), p. 163-196.

ROUVROY, A. *Governmentality in an age of autonomic computing : technology, virtuality and utopia*.

Sites e arquivos digitais:

Bioviva-Gene therapy to treat aging and beyond. Disponível em hplusmagazine.com/2015/05/06/bioviva-gene-therapy-to-treat-aging-and-beyond/. Acesso em: 08 de maio de 2024.

BOSTROM, Nick. *The Transhumanism FAQ, A General Introduction*, Version 2.1. Disponível em: www.nickbostrom.com/views/transhumanist.pdf Acesso em: 01 de março de 2024.

ROSE, N. e RABINOW, P. *O conceito de biopolítica hoje*. Disponível em: periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6600. Acesso em: 30 de abril de 2024.

Site de *Celera*: www.celera.com/celera/pdm.

Site da *23andme*: www.23andme.com/research/

Site da *SENS*: www.sens.org/about/about-the-foundation

Site *Human Longevity*, www.humanlongevity.com/about/